

Relembrar José Henriques dos Santos Barros, lavrador de ilhas



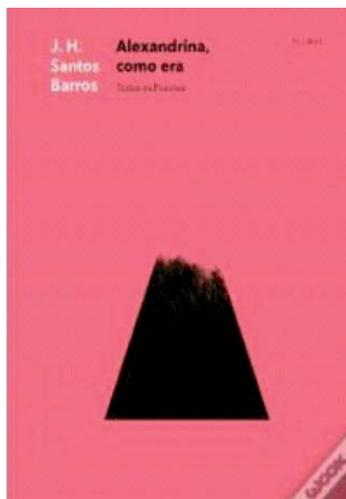
LEONARDO SOUSA

Mas eles expulsaram-me de casa, e vão ter-me à perna o resto da vida - é essa a vindicta de que peço desculpa não poder dela prescindir.

J. H. Santos Barros, in "Teses Açorianas de Setembro"

Em 2018, a Imprensa Nacional - Casa da Moeda desferiu um necessário golpe no muro de silêncio que se ergueu em torno da figura de J. H. Santos Barros, poeta terceirense, nascido em 1946, e desaparecido em terras de Espanha, trinta e sete anos depois. A edição de *Alexandria, como era*, sob a direcção de Jorge Reis-Sá e a intervenção crítica de Urbano Bettencourt, abriu uma brecha no horizonte literário que permite ao leitor contemporâneo reler e reinterpretar, à luz dos dias nossos, uma das mais relevantes e vastas produções poéticas do corpo literário açoriano. Faz-nos ainda falta um objecto crítico que se debruce prolongadamente sobre esta poética que, pela diversidade de formas que toma, pela abrangência temática que em si confluí, dificilmente pode ser contida pela nota introdutória de Reis-Sá ou pelo dossiê crítico de Bettencourt. Deste último, acresce ainda um elucidativo ensaio em órbita do poeta celebrado. A edição possui mais do que suficientes ferramentas de leitura para o leitor descontextualizado - ao que não obsta, porém, que se façam figas por iniciativas conducentes a um estudo mais demorado da obra deste autor. E, já agora, apoiadas pelas instituições culturais, que não mais fariam do que demonstrar ao público o seu préstimo.

Alexandria, como era faz uma recolha ampla do espólio de Santos Barros, dividindo-a por sequências nas quais se agrupam os títulos publicados e inéditos do autor. A preocupação de dar conta do legado poético do terceirense sobrepôs-se à tentação de lhe unificar a voz artificialmente. De resto, esta seria uma preocupação estéril perante uma obra em que se reconhece consistentemente o mesmo punho, não obstante a variedade formal e estética que encarna. Nas primeiras produções de Barros - agrupadas, não por acaso, sob o título *Imagens Fulminantes* -, são reconhecíveis a procura de novidade formal e o rompimento com estruturas arcaicas, o pendur para a imagem vívida e desconcertante, os ecos do surrealismo português, mas também o



diálogo com a tradição e a vivência insulares, de que resultam, talvez ainda sem o esplendor do poeta amadurecido, composições capazes de arrebatrar e desconcertar o leitor; poderosíssimos versos como "O Amor é/ Um Cavalo/A dar coices na lua", em "Não vês Dulce", "As grandes solidões estão cheias de pedra", em "Imagem fulminante", "Musa, que vieste tu/fazer à guerra?", em "Dia-Noite", "A paz é um sonho locomovido a bombas", em "Caçada", onde se entrecruzam os temas da solidão e do amor, da guerra e da morte, de onde sobressaem a capacidade inventiva e imagética, mas também a de dar corpo e solução poética às interrogações que abordam o sujeito lírico.

Ao olhar de Santos Barros nunca ficam alheias as dimensões social e política. A sua produção amadurece na medida em que o discurso interpenetra os campos temáticos, adquire intensidade rítmica, liberta o verso, articula os registos lírico e prosaico, a imagem surrealizante e a imagem do quotidiano, a metáfora e a alusão, gerando a voz torrencialmente fluida, pontuada pelo tom irónico e pessimista, que se pode identificar já em *Novas Visões da Ilha*, em *As Crónicas* ou em *Retratos Africanos*. A crítica aos meios literários intensifica-se em títulos como *Finta pelo Flanco Central* ("São bons rapazes e escrevem/poesia como quem come amendoins") e na experimentação gráfica de poemas como "Palavras ao Kilo"; as "Teses Açorianas de Setembro" contemplam sarcásticamente, em forma de manifesto, as políticas culturais, denunciando e confrontando a promiscuidade entre agentes artísticos e políticos - curiosamente, desvelam a face de um cronista



da realidade que, infelizmente para os vivos, não perdeu um milímetro de actualidade. Também a ilha regressa com redobrada melancolia e consciência da passagem do tempo. Em "Norte da Ilha, 1973", podemos ler: "Vou perdendo/o tempo olhando para o dia de ontem. Pra trás/nija a burra do tempo. Tão Igual/hoje. (...) / E vou andando, pagando/comendo o amendoim e bebido o vinho, dentro/volto à tasca." E ainda: "É duro e violento o sino, tristíssimo atrevo-/me a lembrar/ (...) / Homens/do campo, que guardais a vontade de partir/que tritura amassa a cozedura que fazeis/prá eternidade?" Em *A Serpente Sinfónica*, livro que nos deixou incompleto, Santos Barros retoma a indagação meta-poética, "a reconstrução do poema possível", bem como a interpelação crítica às receitas de gosto - "Não, obrigado, poético de ideias/e de formas, esse vazio não quero."

A serpente, símbolo de regeneração, aqui aliada à ideia de harmonia musical, fornece a imagem final de uma voz poética que, tendo muitas vezes mudado de pele ou de tom, não colocou em causa a integridade do corpo ou da obra. A ideia de poema enquanto sinfonia de um corpo em constante renovação, mas de que se mantêm os fundamentos, ajusta-se, deste modo, à produção de Barros, porque se lhe nota, à medida que se estende no tempo, mais do que uma operação de despojamento, uma persistente afinagem do discurso, visando que nele confluem as várias facetas do escritor - o poeta, o cronista, o crítico cultural -, sem que por isso se notem sinais de desgaste que facilmente poderiam acometer uma oficina tão intensa, sobretudo se levarmos em conta o breve espaço temporal que

ocupou. Decerto não por acidente, o poema que encerra *Alexandria, como era* dialoga tematicamente e lexicalmente, ainda que formalmente se afaste, com "Não vês Dulce", o poema que dá arranque ao volume - como uma serpente que, fechando na boca a própria cauda, formasse um anel, reflexo definitivo da sua unidade.

Por agora, desfez-se a injustiça do silenciamento de José Henriques dos Santos Barros. Espera-se que publicação extensiva dos seus poemas conduza a uma melhor divulgação do autor junto do público e a feliz circunstância de ter sido homenageado, em forma de vídeo documental, no festival literário *Arquipélago de Escritores*, poderá contribuir para uma melhor valorização do seu legado. Seria importante proceder-se à reanimação dos escritos que Santos Barros deixou dispersos, a sua abundante colaboração com a imprensa, de que nos ficou apenas um volume.

O Lavrador de Ilhas - I incorporava os textos produzidos entre 1977 e 1980 e dava conta de um observador atento às dinâmicas culturais açorianas, que problematizou e comentou polémicas como a existência de uma literatura insular independente do contexto nacional, acompanhou generosamente os méritos literários de contemporâneos esquecidos e de contemporâneos ignorados, e não se furtou ao confronto com os grupos de decisão política e cultural, o que certamente lhe valeu uns tantos dissabores, num meio social pequeno onde demasiadas vezes o exercício de livre expressão pública se cobra com pequenas vinganças de foro mesquinho e pessoal. Longe do acabamento formal da sua produção poética, as crónicas confirmam, não obstante, a relevância do escritor terceirense, já que o tempo não desgastou a pertinência do seu pensamento. Pelo contrário, num tempo de intelectos abstinentes, elas relembram-nos do papel que pode desempenhar o artista que alia a intervenção estética à intervenção ideológica, tornando-se agente de diálogo entre o corpo social e as estruturas de poder que sobre ele actua. Para o escritor açoriano da actualidade, Santos Barros pode muito bem representar a arte literária não somente como espaço de fulgor criativo, mas também como âmbito do uso da palavra como via para um aprofundamento dos mecanismos de uma sociedade (dita) democrática. Até porque, como refere o próprio em "Decisões e Grupos Dirigentes", "os intelectuais criadores", "os que não se rendem" e se "recusam deixar-se transformar em propagandistas dos sistemas" constituem, como sempre constituíram, "uma ameaça ao poder". E se à arte não cabe aspirar ao poder, "a sua presença é incómoda porque põe a nu a vacuidade ou corrupção de que se alimenta".

O percurso com Life Coaching



CRISTINA TAVARES

Costumo escrever sobre vários temas que fazem parte do nosso crescimento individual. O que escrevo e partilho convosco faz parte do meu crescimento, da minha aprendizagem nesta Vida e que de algum modo poderá ser útil para alguém. Útil ou reconfortante.

Neste texto, escreverei um pouco do percurso que poderá ser feito com Life Coaching.

Esta é uma terapia de grande trabalho interior.

A manifestação exterior que leva à procura do terapeuta, reflete o bloqueio interno.

Costumo insistir algumas vezes nos objetivos que poderão ter para as vossas vidas. Objetivos em qualquer área. Até mesmo objetivos internos. O Coaching, trabalhamos para alcançar esses objetivos...

O percurso com Life Coaching, faz-nos tomar consciência da nossa Consciência e, o mais difícil

mas o mais libertador, tomar consciência do nosso Inconsciente...

Quando alcançamos este último feito, tudo fica mais fácil. Depois só temos de fazer a escolha de mudar, trabalhar na solução ou, ceder ao medo, não o abraçar nem tornar nosso aliado, e estagnar, continuar a viver na mesma vibração mas, agora com mais dor. Porque? Porque acordamos mas escolhemos fingir estar a dormir...